

**MEMÓRIAS DA SURDEZ NAS  
CRÔNICAS “O SURDO” (1998) E  
“NÃO FOI COM CERTEZA ASSIM MAS  
FAZ DE CONTA” (2002),  
DO ESCRITOR PORTUGUÊS  
ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

**DEAFNESS MEMORIES IN  
ANTONIO LOBO ANTUNES’ CHRONICLES  
“O SURDO” (1998) AND “NÃO FOI COM  
CERTeza ASSIM MAS FAZ DE CONTA” (2002)**

*Alessandra Gomes da Silva<sup>1</sup>*

---

**RESUMO**

Este trabalho pretende analisar algumas imagens e sentidos atribuídos à surdez, a partir de duas crônicas do escritor português António Lobo Antunes: “Não foi com certeza assim mas faz de conta” (2002) e “O surdo” (1998). Interessa-nos ainda o modo de criação dos textos citados, traçando um paralelo em relação ao tipo de construção reflexiva que aparece em alguns escritos de Walter Benjamin, basicamente “Rua de mão única” e “Infância em Berlim”. Em ambos os autores, a produção ficcional é atrelada à questão da memória, tendo como ponto de partida o encontro com um objeto aparentemente simples do cotidiano. Por fim, ressaltamos a discussão sobre a *normalização* dos corpos, tendo como base a questão do não ouvir e a forma como isso é percebido socialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Surdez; Lobo Antunes; Walter Benjamin.

## ABSTRACT

This work intends to analyze some images and meanings attributed to deafness in two chronicles of Portuguese writer António Lobo Antunes: “Não foi com certeza assim mas faz de conta” (2002) and “O surdo” (1998). We are also interested in the type of creation of these texts, drawing a parallel with the kind of reflection developed in some writings of Walter Benjamin, basically in “One-way street” and “Berlin childhood”. In both authors, the fictional production is linked to the issue of memory, taking as its starting point the contact with a seemingly simple everyday object. Finally, we emphasize the discussion of the *normalization* of bodies, based on the issue of not hearing and how it is socially perceived.

**KEYWORDS:** Deafness; Lobo Antunes; Walter Benjamin.

“O pai da minha mãe não era um homem, era um centauro, metade avô e metade aparelho de ouvir”  
(ANTUNES, O surdo, 1998, p.73)

O presente artigo se propõe a analisar algumas imagens e sentidos atribuídos à surdez a partir das crônicas “Não foi com certeza assim mas faz de conta” (2002) e “O surdo” (1998), do escritor português António Lobo Antunes. Em ambos os textos, tem-se um narrador personagem que rememora as visitas que fazia na infância ao avô surdo e o modo como percebia essa surdez quando menino.

Interessa-nos, assim, pensar as imagens produzidas pelo autor para caracterizar a surdez nessas crônicas. Tais imagens nos permitem antever a forma como o avô surdo se relacionava com o mundo e com as pessoas que lidavam com ele, como no fragmento:

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores [...] e dava-me a ideia, pela expressão atenta, de estar sempre a falar com os anjos ou essas vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava (ANTUNES, 2002, p.15)

Percebemos nessas imagens uma desconstrução de concepções de *normalidade*, sobretudo ao lidar com questões físicas, sempre bastante estigmatizadas em diferentes tempos históricos. No fragmento, por exemplo, o narrador diz que o que mais gostava era da surdez de seu avô e não do seu avô surdo, o que demonstra como a especificidade da condição do avô marcou sua relação com o menino.

Além disso, podemos inferir que, nessa reconstrução do passado proposta pelo autor, misturam-se dados autobiográficos com a própria fabulação da construção narrativa, pois, como relata Lobo Antunes em uma entrevista, “não se inventa nada, a imaginação é a maneira como se arruma

a memória” (BLANCO, 2002, p. 114). Desse modo, ele mesmo já aponta para esse efeito de verdade<sup>2</sup> de seu texto desde o título de uma de suas crônicas, “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. Tal proposta já indica um teor de fantasia, mas que pode ser relacionado à vida e ao modo de pensar do próprio autor, gerando uma aproximação evidente, ora possível, ora propositadamente inventada. Assim, as duas crônicas de que trataremos, por exemplo, são escritas em primeira pessoa; em outras, o próprio autor se refere a um senhor Lobo Antunes, e ao mesmo tempo tais textos fazem alusão a questões pessoais do autor, como uma já longamente comentada perda auditiva.

Interessa-nos ainda o modo de construção das crônicas citadas, traçando um paralelo em relação ao tipo de reflexão construída em alguns escritos de Walter Benjamin. Em ambos os autores, a produção ficcional é atrelada à questão da memória, sobretudo em obras do filósofo alemão como “Infância em Berlim” e “Rua de mão única”, partindo a rememoração do encontro com um objeto do cotidiano. Tal encontro é que possibilita toda uma potência inventiva amplamente utilizada nas obras mencionadas.

Assim, por fim, gostaríamos de, a partir dos textos selecionados, repensar algumas metáforas atribuídas à questão do ouvir e do falar, pois não raro, em um mundo em que o individualismo é a norma, nos tornamos surdos ao que acontece ao nosso redor e às pessoas que estão mais próximas.

## **UM POUCO DE LOBO ANTUNES E A IMPORTÂNCIA DA CRÔNICA EM SUAS OBRAS**

Antônio Lobo Antunes é um aclamado autor português com algumas obras bastante premiadas. Nem sempre suas crônicas repercutem como seus romances, o próprio autor costuma referir-se a elas como textos simples, sem grande profundidade. Sua vasta publicação como cronista, no entanto, assinala como tal produção tem sido bastante profícua (constam pelo menos cinco livros do gênero publicados pelo autor, e, no Brasil, há uma compilação com sessenta de suas crônicas). O descrédito costuma acontecer por ser esse um tipo de texto curto, muitas vezes publicado em jornais ou revistas, visando a um público mais geral. Bastante popular por apresentar um tom de conversa, íntimo, de quem busca gerar uma proximidade com o leitor, a crônica costuma, assim, ser tomada apenas como uma forma de entretenimento.

Para Suzana Braga (2007, p. 11), no entanto, deve-se reconhecer as crônicas de Lobo Antunes como objetos artísticos, pois elas “apontam as contradições da existência humana ao apresentar um narrador estranhado diante de si e do outro, na medida em que o eu se apresenta fraturado, assim como fragmentadas e sem certezas se encontram as relações com o meio familiar e social”. Nesse sentido, esses textos mesclam densidade e

leveza para abordar os fatos do cotidiano, trazendo o particular e o universal, condensando-se em retratos do banal, do efêmero, mas que precisam ser narrados. Podemos perceber que alguns temas são, inclusive, recorrentes – como, por exemplo, a questão da incomunicabilidade, da solidão do indivíduo, as transformações do espaço, um questionamento do corpo, entre outros.

Jeanne Marie Gagnebin (2012, p. 14), por sua vez, ao analisar o artigo “Sobre o conceito de história”, tendo como base, sobretudo, a Tese 3, argumenta que Benjamin considerava o cronista como aquele que se ocupava de narrar os fatos sem diferenciar os mais importantes dos menores, detendo-se também no que coube aos vencidos, e assim agindo, muitas vezes, como contraponto da história oficial. Em um tempo de ausência de verdades absolutas, o que há são histórias, no plural, abertas a diversos sentidos e significações. Cabe, portanto, ao cronista de seu tempo explorar aquilo que, por parecer sem importância, poderia estar fadado ao esquecimento.

Além disso, é por meio de seus vestígios materiais que o cronista se ocupa de recontar a história, não mais vista em ordem progressiva e linear. É necessário, então, que se escove essa história a contrapelo, como nas palavras do próprio Benjamin, para tirar desses vestígios do real uma nova possibilidade de interpretação do presente. Assim, os cronistas são considerados como os historiadores de seu tempo, capazes de identificar as transformações pelas quais a sociedade passa. Vários são os exemplos desses cronistas que vão desde os tempos medievais até o contemporâneo.

Nesse sentido, podemos compreender que Lobo Antunes carrega traços de seu tempo histórico, tempo fundado na perda da experiência, marcado pela incapacidade de contar narrativas com sentidos plenos e por um esfacelamento da tradição. Para Alexandre Montauray (2002), as crônicas de Lobo Antunes aparecem, assim, como estilhaços, narrativas lacunares e fragmentárias. Em um mundo de constantes mudanças, o autor português busca, em rastros do passado, modos de lidar com um presente muitas vezes adverso, tentando criar sentido para uma realidade que se transforma vertiginosamente. Desse modo, o cronista narra as transformações pelas quais passa, tendo como paisagem os bairros portugueses da Beira Alta e de Nelas, como no fragmento “e o meu avô permanecia, silencioso e ausente, ora a dormir na poltrona ora a edificar nuvens na varanda, única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam” (ANTUNES, 2002, p. 16).

Assim, ainda tendo como base as reflexões de Montauray, consideramos também que o fio da narrativa nas crônicas de Lobo Antunes acaba por portar-se como “uma atualização de Sherazade, para quem narrar é metonímia da preservação da vida” (2002, s/p.). Contar, afinal, é resistir.

## ESCRITA DE MEMÓRIA EM LOBO ANTUNES E EM WALTER BENJAMIN

*Objetos*

*Vivem ao nosso lado,*

*os ignoramos, nos ignoram.*

*Veza por outra conversam conosco.*

(Octavio Paz, “Lição de coisas”, Pedras soltas)

Pensar a importância da escrita de memória para a literatura é refletir sobre modos de narrar e sobre de que maneira as experiências do vivido reaparecem como possibilidades e devires no presente, rompendo com a ideia de um tempo homogêneo. Nesse sentido, Nelly Richard (1999, p. 321) ressalta o “transbordamento de memórias (as tumultuadas reinterpretações do passado que mantêm a recordação da história aberta a um incessante embate de leituras e sentidos)”. O passado não permanece estático, fixo, ele está sempre aberto a interpretações e não para de se atualizar.

Para Braga, no tocante à obra de Lobo Antunes, “as lembranças se apresentam nas crônicas como uma espécie de açude seco ou fonte enterrada: sempre podem brotar de novo” (BRAGA, 2007, p. 64). Fatos e eventos são narrados pelo autor, que não distingue entre memória e criação. Do mesmo modo, acrescentamos que, para Ana Martins Marques (2009, p. 37), a memória na obra de Benjamin “é como resgate de algo que no passado foi silenciado [...], como busca de decifrar os signos que o passado deixou junto de nós [...]”. Assim, é por meio desses vestígios que o cronista recupera a história que lhe importa contar.

Nesse contexto, centramos nossa análise nos modos de narrar a partir da memória em Benjamin e em Lobo Antunes. Para isso, pensamos na importância que os objetos apresentam para ambos os autores em sua produção. Isso porque podemos dizer que, tanto nas duas crônicas escolhidas para este trabalho como nos fragmentos justapostos de Benjamin, para recuperar a memória que estava adormecida se faz necessário um encontro com um objeto, ou melhor, a história é contada por meio de um objeto. Podemos citar como exemplo desse tipo de narrativa a *madeleine* na obra de Marcel Proust, que é a responsável por desencadear uma série de lembranças de seu passado, com a chamada memória involuntária. Há, além disso, de diferentes modos, um investimento dos autores em elementos sensoriais para compor este passado. Em Proust, há o cheiro do doce; já em Lobo Antunes e em Benjamin, o uso de elementos visuais, táteis e experiências auditivas.

Sabemos ainda que Benjamin é conhecido por apresentar um pensamento em forma de caleidoscópio, que abarca diferentes assuntos. Nesse contexto, buscamos nos concentrar em alguns trechos de sua obra produzidos a partir de objetos, mesmo aqueles mais utilitários, comuns no cotidiano do autor. Tem-se, então, a caixa de costura, o telefone, a coleção

de borboletas e tantos outros que serviram para aguçar a reflexão do filósofo. Desse modo, o autor ultrapassa o limite de seu cotidiano e consegue, como poucos, refletir sobre seu tempo.

A obra de Benjamin ainda nos permite percorrer os caminhos de uma escrita imagética, ou de uma chamada filosofia poética. Isso diz respeito a um modo de construção de pensamento peculiar, criado a partir de alegorias, que não se transformam em imagens plenamente definidas. “Infância em Berlim”, por exemplo, é um texto composto por fragmentos, e Benjamin, em um deles (“O caçador de borboletas”), escolhe como objeto para rememoração sua antiga coleção de borboletas. Relembrando o jardim de sua infância, o autor recupera memórias sobre o espaço e tudo o que precede a caçada. Há um devir borboleta como tática para capturar o instante em que consegue aprisionar o inseto. No final do ensaio, o narrador nos faz perceber uma volta ao mundo adulto e o jardim transforma-se em um jardinete, evidenciando a mudança do olhar sofrida pelo olhar infantil e a impossibilidade de reencontro pleno com o passado. Num mundo em ruínas, desestabilizado pelo excesso de racionalismo, a questão mimética presente na criança que persegue as borboletas nos permite pensar o humano, o estar fora de si para experimentar uma possibilidade de inserção diferente no mundo. Como um passar pelo portal descrito em “Porcelana da China”, outro ensaio do autor, que nos leva por um caminho diferente, o da mão esquerda. Perde-se, assim, o pleno domínio da consciência, propõe-se uma abertura para o inesperado, produz-se o encontro com o novo.

Da mesma forma, é possível pensar na importância atribuída por Lobo Antunes aos objetos que estão ao seu redor. Os auscultadores, por exemplo, objetos usados para ampliar o som e que eram indicados para pessoas com dificuldade de audição, geralmente ocasionada pelo avançar da idade, são citados nas duas crônicas, produzindo uma volta do narrador ao passado. Tal objeto desencadeia, então, uma série de referências a esse passado, ao lugar em que vivia e à imagem que tinha do seu avô.

Em “O surdo” (1998), a lembrança do narrador começa com a descoberta do aparelho de ouvir, que consistia na “metade avô” (ANTUNES, 1998, p.73) que permaneceu guardada na cômoda, depois da morte do idoso. A questão física está tão fortemente marcada que toda uma parte do avô foi representada apenas por um órgão do corpo humano, os ouvidos. Tal ressalva, muitas vezes, crítica pode ser lida nas duas crônicas e permite questionar um padrão de *normalidade* amplamente difundido, em que as questões físicas são vistas somente como perdas ou faltas. Em “Não foi com certeza assim mas faz de conta”, há mesmo uma subversão do padrão tido como ideal, uma vez que o narrador indica que, quando menino, também gostaria de ser surdo, desejando uma outra relação do corpo com o mundo.

O narrador utiliza o objeto, em suas palavras, “como um padre se paramenta para a missa”, ao mesmo tempo em que percebe traços da surdez de seu avô em si mesmo, e finaliza a crônica ameaçando “retiro da cômoda

a tremenda ferramenta, compro um casaco de linho, regresso a Nelas [...] e trago do comboio do meio-dia as notícias de 1950” (ANTUNES, 1998, p. 74). Isso porque o narrador marca a passagem do tempo, da sua própria vida, atrelando-a à percepção de traços de seu avô em si mesmo, e, em um presente problemático, procura em seu passado um modo de viver mais sereno, afetivo, sem tanto conflito como lhe parece o tempo atual.

Já em “Não foi com certeza assim mas faz de conta”, há a mesma intenção, quando o narrador se refere aos objetos que vai deixar para o futuro: “[...] abandonando no armário das inutilidades uma dúzia de livros que são as chaves desemparelhadas que possuo. Não se pode abrir nada com elas a não ser portas que deixaram de existir” (ANTUNES, 2002, p.18). Nesse trecho, o narrador comenta mais uma vez o desacerto com o presente, ao mesmo tempo em que aposta nos livros para que possam se (re)abrir as portas de um passado que não está mais visível. Precisa, assim, ser também reinventado.

## IMAGENS DA SURDEZ EM “O SURDO” E “NÃO FOI COM CERTEZA ASSIM MAS FAZ DE CONTA”

*A sua presença era uma silenciosa ausência*  
(ANTUNES, 2002, p. 16)

Em ambos os textos, pode ser proposta uma série de reflexões sobre a surdez e, com isso, um questionamento da questão física. O próprio autor relata que tanto a mãe como ele herdaram do avô o problema de audição. Tal fato torna-se presente tanto nas diferentes entrevistas dadas por Lobo Antunes quanto em alguns de seus textos. Nessa pequena exposição sobre sua obra, nos deteremos unicamente nas crônicas, mas poderíamos ainda, facilmente, indicar os romances *Exortação aos crocodilos* (1999/2001) e *Não é meia noite quem quer* (2012). Isso porque, no primeiro, a narradora Mimi, uma das protagonistas da história, é surda pré-linguística, ou seja, adquiriu a surdez antes da aquisição inicial de linguagem. Já no segundo, o irmão da narradora da história também é surdo e vivia às voltas com uma escola em que, de acordo com a narradora, “se discutiam com os dedos, como quem conta” (ANTUNES, 2012, p. 24) numa possível alusão à língua de sinais.

Podemos notar que o narrador da crônica “O surdo” comenta sobre aparelhos muito conhecidos por esses sujeitos e produz uma refinada ironia contra o discurso médico da *normalidade*, tão largamente propagado, na mesma medida em que há pouquíssima reflexão que questione tal discurso. Citamos um fragmento:

(Adoro este nome, Ilda Capinha, como adoro ver a possuidora do dito prometer-me no jornal, apoiada em depoimentos de miraculados entusiásticos, o fim da minha desgraça) mas o aparelho, tomado por caprichos elétricos, apita de

quando em quando à laia de uma panela de pressão sempre que os pensamentos lhe fervem lá dentro num cozido de ideias.

Apesar dos testemunhos dos miraculados [...] (ANTUNES, 1998, p.73)

Desse modo, o narrador ironicamente subverte o que seria a proposta médica, amplamente divulgada e cultivada num imaginário coletivo de promover uma proposta de cura para a surdez. Um traço de humor que aparece na crônica ao contrapor o que a medicina divulga e o que ele de fato obtém ao utilizar o objeto. A queixa dos ruídos é bastante frequente entre os usuários de próteses auditivas, aproximando o relato do narrador de um fato real, incluindo a referência à casa de Sonotone, especializada em aparelhos auditivos em Portugal.

Podemos perceber esse mesmo recurso da ironia utilizado pelo narrador ao se referir ao aparelho de surdez como “feijões que irão germinar em suas orelhas”; há, ainda, a nomeação do avô de “centauro”. Ressaltamos, assim, o modo do autor de lidar com esses objetos, desconstruindo sua forma de retratar a realidade. Percebe-se um modo sutil de crítica, o que proporciona uma desestabilização desse real, por meio do riso. Para Tércia Valverde (2013), o inusitado é proposto por Lobo Antunes como uma estratégia crítica, uma vez que é uma forma de demonstrar a dificuldade das sociedades ocidentais em aceitar essas diferenças corporais, entendidas somente enquanto patologias, ainda sob a influência de um forte viés positivista.

Além disso, no modo como o avô é retratado pelo narrador, na crônica “Não foi com certeza assim mas faz de conta”, percebem-se rastros de algumas imagens também conhecidas na surdez, tal como a questão do isolamento:

A nós, aos terrenos, não nos ouvia nunca: a minha avó gritava-lhe por sinais que estávamos ali, o meu avô olhava para baixo, sorria, principiava um gesto na nossa direcção de que se esquecia logo, chamado pelos pinheiros ou por alguma urgência celeste. (ANTUNES, 2002, p. 15)

No fragmento, pode-se notar um modo de ser que não é compreendido pela família, um distanciamento voluntário, atribuído poeticamente pelo narrador-menino que justifica tal ausência, recorrendo a uma necessidade de comunicação celeste, numa relação fantasiosa da criança que emprega sua capacidade fabuladora para explicar o uso do objeto provavelmente desconhecido por ela. Como em outro fragmento: “De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer [...]” (ANTUNES, 2002, p. 16). A evocação do maravilhoso e a atribuição de poderes não convencionais ao avô acabam representando uma tentativa do neto de aproximar-se dele, encontrando um meio de atribuir sentido ao comportamento do idoso.

O narrador revela por entrelinhas que buscava, quando menino, também deixar de ouvir: “deixavam-me por no cabelo uma gota desse creme branco que me endurecia as madeixas e me embalsamavam de um perfume de Paraíso” (ANTUNES, 2002, p. 16). Nesse fragmento, o narrador comenta o desejo de usar a brilhantina, assim como seu avô; porém, “Contrariamente ao que eu pensava os sons da casa não diminuía de intensidade [...] nem os anjos se interessavam por mim. Jantava de pijama amuado com Deus.” (ANTUNES, 2002, p. 16). Vemos aqui o mesmo interesse da criança em atribuir sentido a um jeito próprio de viver desse idoso. Nota-se ainda que o narrador constrói uma relação afetiva com esse avô por meio do uso dos mesmos objetos: quando criança, passava brilhantina na tentativa de ter as mesmas características do avô; e já adulto, quando, de fato, precisa utilizar o aparelho para a surdez.

Nessa crônica, então, podemos marcar a existência de dois movimentos relacionados à interpretação do texto. O primeiro diz respeito à memória, à recuperação do passado. Já o outro condiz com o presente do narrador; assim, não é uma criança que conta suas impressões, mas um adulto que narra suas memórias de infância a partir do encontro com um objeto – os auscultadores, ou próteses auditivas.

A oscilação entre tais recursos permite, então, desconstruir um discurso normativo estabilizado em que o racionalismo legitimou-se, buscando apagar as referências subjetivas do próprio homem, gerando estigmas sobre as diferenças. Valverde cita David Le Breton para explicar que “a diferença nos coloca diante de nós mesmos e nos desestrutura porque desafia as nossas certezas identitárias. Esse descentramento do sujeito acaba por despertar dentro de nós mesmos os sentimentos de medo e insegurança” (VALVERDE, 2013, s/p.), uma vez que nos expõe a diferentes modos de ser e de viver. No campo da surdez, sabemos que a forma como esses sujeitos são vistos tem sido determinante no modo de a sociedade lidar com eles. Nesse sentido, pode-se considerar o surdo como um deficiente, a partir da característica de não utilizar a língua oral de um mesmo modo que os ouvintes, ou pelo viés da diferença (PERLIN, 2000). A segunda concepção dialoga com uma tentativa de mudança de paradigma que compreenda a surdez para além da patologia clínica. Tem-se uma tentativa de romper com narrativas estereotipadas que marcam aqueles que não ouvem apenas como *deficientes* em busca de reabilitação, desconsiderando outras formas de existir no mundo.

Dito isso, é claro que a falta de um meio de comunicação eficiente, uma incapacidade de compreender o que está acontecendo em seu entorno são aspectos extremamente retratados nos textos que abordam a surdez. O que o autor consegue é construir um modo poético de abordar tais questões, por exemplo, ao atrelar tal dificuldade a outra habilidade que seria a de “falar com os anjos”, propondo que o avô teria outros afazeres além de conversar com as pessoas. É, assim, empregado de forma lírica por Lobo Antunes o recurso da rememoração, que acontece por meio da

recuperação das invenções de seu narrador, quando criança, para lidar com a surdez do avô.

Por outro lado, já podemos perceber uma reflexão bem diferente em adulto, quando o narrador diz “Passar o tempo inteiro de auscultadores, a receber declinações, deve maçar” (ANTUNES, 2002, p. 17). Nesse fragmento, apreende-se uma constatação das limitações e suas consequências, admitindo uma provável dificuldade do avô de se relacionar com o mundo a sua volta. Do mesmo modo, podemos perceber um sentimento de solidão, de um certo tipo de isolamento, uma exclusão discreta e quase imperceptível que afasta o idoso do resto do mundo que o rodeia. Tal metáfora da dificuldade de comunicação de surdos em famílias de ouvintes é bastante recorrente. Não há em nenhum momento algum relato de demonstração de carinho do avô com o neto, nenhuma comunicação efetiva entre eles.

Tem-se, ainda, uma tentativa de aproximação com o avô a partir da constatação do narrador, que diz: “Hoje o surdo sou eu. E o feijãozinho que a medicina moderna me colocou no ouvido apenas me traz ruídos ampliados de garagem em noites de insônia e os guinchos distorcidos do universo” (ANTUNES, 2002, p.17). Mais uma vez, em um tom desencantado, o narrador procura no passado uma relação mais afetiva, buscando um retorno à casa de seu avô como modo de identificação e numa nova proposta de utilização do maravilhoso, agora no presente. Trata-se, então, não mais da criança que fabula, mas do adulto que busca a possibilidade de fusão para assumir o lugar do avô – e, quem sabe, para ir-se embora como ele. Finalmente, em um desenrolar de extrema criação poética, o narrador imagina como seria uma conversa com os anjos, demonstrando sua resignação de que também pode ter chegado, tal como o avô, sua hora de partir, acompanhando os pássaros.

Podemos ressaltar, assim, que são os objetos, tanto os auscultadores do passado como o feijãozinho atual, os elementos que mantêm essa proximidade entre os personagens. São eles que recuperam a presença do avô nos dois textos, produzindo essa relação de semelhança entre ambos.

## **OBSERVAÇÕES FINAIS**

Em ambos os autores, Benjamin e Lobo Antunes, há uma busca por reelaborar a memória em sua produção. Tal recurso permite desconstruir um discurso estabilizado de progresso que acabou justificando um apagamento das referências subjetivas do próprio homem. Demonstrar os vestígios do insignificante, do provisório, do banal, promove uma redescoberta de que o próprio indivíduo representa um minúsculo e frágil corpo humano, com seus desacertos e limitações. Assim, a ficção colabora para a compreensão dos mais diferentes sujeitos e grupos sociais, propondo novas formas de lidar com mundo e com a realidade a nossa volta.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. *Exortação aos crocodilos*. 2.ed. Lisboa: D. Quixote, 1999/2001.

\_\_\_\_\_. *Livro de crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

\_\_\_\_\_. *Não é meia noite quem quer*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012.

\_\_\_\_\_. *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANCO, Maria Luisa. *Conversas com Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

BRAGA, Suzana M. D. *Vestígios do estranho no familiar: as crônicas de Lobo Antunes*. 2007. 204 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: *Obras escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1985.

MONTAURY, Alexandre. Crônicas de Lobo Antunes: narrativas estilhaçadas. *Semear* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 99-110, 2002.

MARQUES, Ana Martins. Berlim revisitada ou a cidade da memória: “Infância em Berlim por volta de 1900”. *Arte e Filosofia*, Ouro Preto, n.6, p. 34-43, 2009.

PESAVENTO, S. J. o mundo como texto: leituras da História e da Literatura. In: *Revista História da Educação*, n.14, p.31-45, 2003.

RICHARD, Nelly. Poéticas da memória e técnicas do esquecimento. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VALVERDE, Tércia. O corpo: visões de uma anatomia grotesca em Lobo Antunes e Moacyr Scliar. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional*. UEPB – Campina Grande, PB, 2013.

*Recebido para publicação em 12/08/2016  
Aprovado em 01/03/2017*

## NOTAS

1 Possui graduação pela UFRJ (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Tem mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (2016) pela PUC-Rio. Desde 2006, é professora de Ensino Básico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

2 De acordo com Pesavento, a literatura seria uma forma de narrativa que teria como base o real, “mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo” (PESAVENTO, 2003, p. 33). Nesse sentido, no ato da escrita, o autor utiliza recursos estéticos para uma (re) invenção desse real, ou da memória desses acontecimentos, para recriá-los.